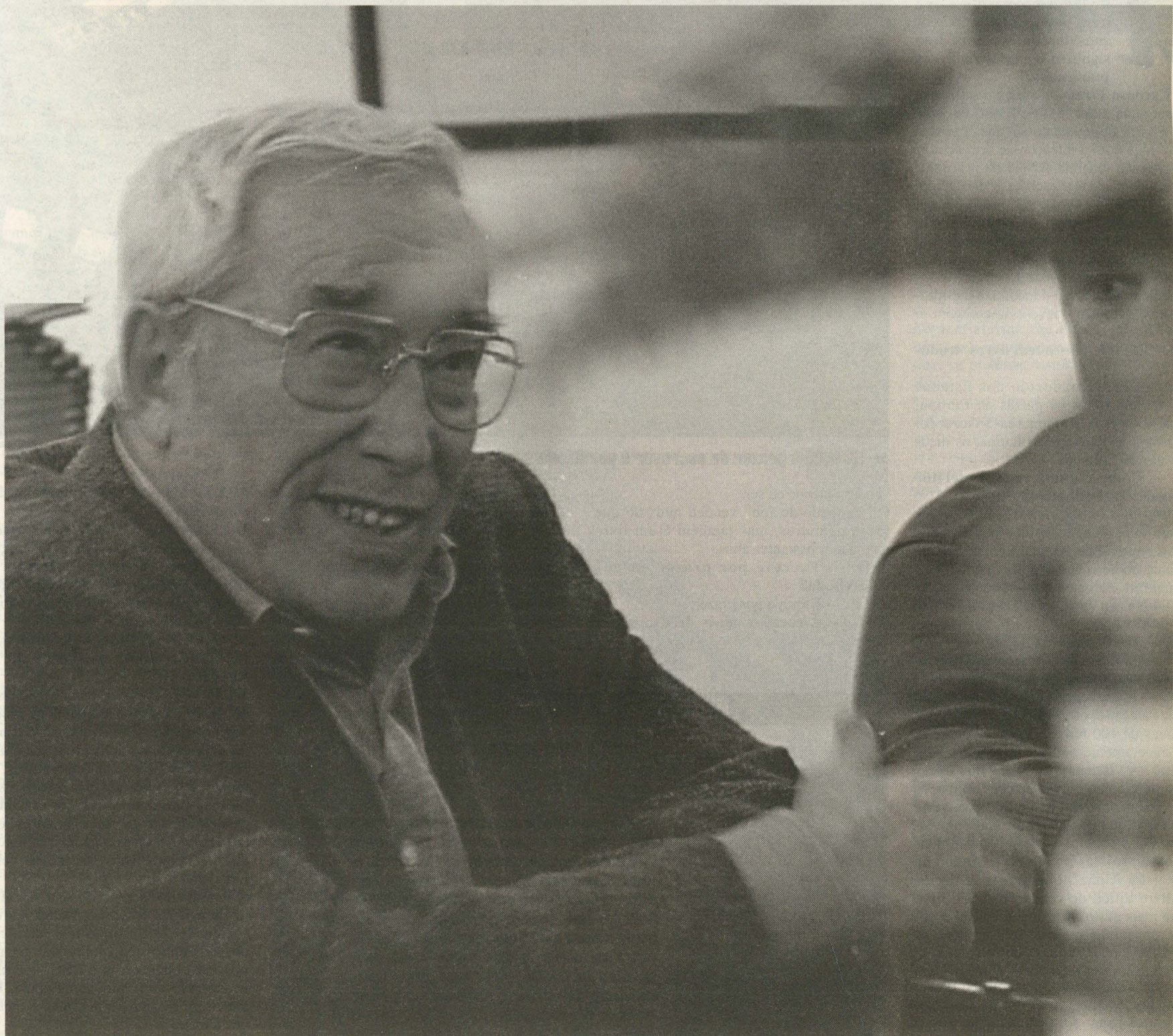


8 DE MARÇO DE 1998

DOMINGO

JOSÉ CARDOSO PIRES AO "AÇORIANO ORIENTAL"

A NOSSA TELEVISÃO ESTÁ MUITO MÁ



A. O. - Eduardo Costa

José Borges «A humanidade está cheia de buracos»

Canto do Royal A propósito do acidente de viação no «Monumento da Autonomia»

ENTREVISTA

José Cardoso Pires é um dos mais consagrados escritores portugueses. Esteve esta semana em Ponta Delgada para falar sobre tudo o que os jornalistas, estudantes, escritores e leitores lhe quiseram perguntar

O PRÉMIO NOBEL ENDOIDECE AS PESSOAS

a çoriano Oriental — A partir de que momento é que uma pessoa que escreve é considerada escritor? Isso significa ter quantos livros publicados?

José Cardoso Pires — Nunca me fizeram essa pergunta antes, é difícil, mas eu acho que é a partir do momento em que a pessoa escreve algo com a intenção de ser escritor. É terrível isto ser uma actividade profissional. Nós conhecemos escritores de talento, de muito talento, que não são profissionais, são engenheiros, etc., mas sempre que podem dizem que são escritores, porque, no fundo, é um remorso que fica, enfim, a pessoa não jogou tudo por tudo. Eu conheço um médico que deixou a medicina e é fotógrafo do "Expresso", teve essa coragem, o que não é fácil.

A.O. — Em que países tem livros traduzidos?

J.C.P. — Estou traduzido nos Estados Unidos e em todos os países da Europa, menos a Albânia, Dinamarca e Noruega. Para os países da América Latina, os meus livros vão de Espanha.

A.O. — Como é que é visto o escritor português no estrangeiro?

J.C.P. — Isso varia muito. Há escritores que são mais bem recebidos nos Estados Unidos, outros na Alemanha, outros em Espanha, como o Saramago. Com a Feira de Frankfurt, isso melhorou bastante.

A.O. — No seu caso, qual é o país onde é mais lido?

J.C.P. — Em França e na Itália.

A.O. — Qual é o seu livro mais apreciado em Portugal e no estrangeiro?

J.C.P. — É um bocado difícil de responder a isso. Talvez seja o "Hóspede de Job", que tem mais de 100 mil exemplares vendidos, mas sinceramente não sei as edições nem as datas. A "Balada das Praias dos Cães" tem neste momento mais edições do que os outros, todos, mas o que me interessa saber é os livros que se venderam mais rapidamente. Por exemplo, o que se vendeu mais depressa foi a primeira edição da "Alexandra Alpha", que depois se tornou num livro difícil de vender, mas é o livro de que mais gosto. A primeira edição esgotou-se em pouco mais de três meses e só um editor, em Lisboa, comprou mais de 1000 exemplares, o que é muito em Portugal. A primeira edição foi de 35 mil exemplares. A segunda já foi menor e vai na quarta edição. É um livro mais difícil que o público teve uma certa reticência em pegar.

Um livro que eu não esperava que tivesse tanto público é o "De Profundis". Saiu em Maio, fala de uma experiência minha, de uma doença, e vai em 38 mil exemplares. É difícil dizer qual o que vende mais. Os que



A. O. - Eduardo Costa

QUANDO o prazer de escrever é partilhado com o leitor

vendem menos eu sei.

O "Hóspede de Job" vendeu mais do que todos os outros, mas também é um livro que já tem bastantes anos.

A.O. — Escreve por prazer ou por empreitada?

J.C.P. — Escrevo por prazer.

A.O. — E escreve mais de dia ou de noite?

J.C.P. — Escrevo mais de dia, agora com a idade; antes era muito mais de noite. Há cinco meses que não escrevo uma linha, mas, depois, sou capaz de ficar dois meses seguidos a trabalhar como um cão. Fico seis, sete, oito horas seguidas a escrever sem me cansar. Depois, deito-me, vejo televisão, às vezes, meto-me no carro e venho beber um copo a um bar a Lisboa.

A.O. — Escreve à máquina, à mão, em computador?

J.C.P. — Escrevo tudo à mão, primeiro. O computador é um problema de gerações. O primeiro que eu comprei foi para a minha filha mais nova, eu estava na loja para pagar, mas o vendedor nunca olhou para mim, só falava com a minha filha.

A.O. — O escritor, hoje em dia, é tão incómodo como era antes do 25 de Abril?

J.C.P. — Não, é muito menos. Antes do 25 de Abril, o escritor não tinha os problemas dos jornalistas. Estes tinham a censura diária e o escritor só tinha problemas "a posteriori". O escritor podia atacar mais, estava muito mais livre do que o jornalista. As pessoas mais dominadas, que estavam mais debaixo da asa do poder, eram os jornalistas. Hoje, o ataque ao poder é feito todos os dias pelos jornalistas, mesmo até pelo mau jornalismo.

O inimigo do escritor, ou seja, quem cristaliza o país é a televisão. Nunca houve uma sociedade de consumo tão baixa como a nossa. Tenho visto televisão espanhola; vivi em Londres e vi a BBC, que não tem nada a ver com isto; em França, há boa televisão; e a RAI é má, mas é melhor do que a nossa.

O que fazem em Portugal é dar uns comprimidos de coisas decentes e há, depois, essa coisa que são os índices de audiência. Como é que se captam os índices de audiência? Hoje, transformou-se o jornalismo numa censura mais tenebrosa. A censura no tempo de Salazar o que é que pretendia?

PERFIL

A ESCRITA É UM PRAZER

José Carlos Pires



José Cardoso Pires é um dos escritores portugueses mais lidos. Esteve esta semana em Ponta Delgada, na livraria Solmar e na Escola Secundária das Laranjeiras. Os seus livros atingem boas tiragens. O "Hóspede de Job" é porventura o seu livro mais vendido, mas a "Balada da Praia dos Cães" também tem muitas tiragens. Escreve por prazer e passa meses sem escrever uma linha. Depois, volta à sua escrita manual e trabalha várias horas seguidas durante o dia. O autor confessa que gosta de televisão, mas está decepcionado com a pobreza cultural em que se tornaram os canais portugueses. José Cardoso Pires chegou a andar mais de um ano na Marinha Mercante, mas diz que foi uma aventura de que não vale a pena falar porque ninguém iria acreditar. Foi também publicitário durante algum tempo. Nunca escreveu para cinema, nem pretende fazê-lo, apesar de dar grande importância à sétima arte. Confessa que conhece pouca literatura açoriana, além de Nemésio, Natália Correia e João de Melo.

ENTREVISTA

"Sou partidário da Expo. Estivemos meio século orgulhosamente sós. Vinham cartas para Lisboa que tinham no endereço Espanha; nem o nome de Portugal se sabia no estrangeiro, porque estávamos aqui fechados. Até agora, a palavra cultura tem muita força na Expo. Eu estou muito otimista"



➤ "BALADA DA PRAIA DOS CÃES" como todos os outros foi escrito à mão

A. O. - Eduardo Costa

Queriam a bestialização, a paragem do país, do género "não tens nada que saber o que se passa, a verdade é esta, tens que comer esta verdade".

O bom deste país, hoje, é a estupidez, é o "Bacalhau Quer Alho", são coisas deste género. E quem é que faz isto? Inclusivamente são indivíduos com cultura que sabem muito bem o que estão a fazer, esses são os grandes criminosos.

Um miúdo que é um convite à pedofilia armada canta o "Bacalhau Quer Alho" e responde, na televisão, como um velho de 60 anos. A democracia que a televisão quer impor é a coisa mais baixa que pode haver, é a anti-democracia, é a caça ao dinheiro, é um tipo sem vergonha que faz sacanices (é a única palavra portuguesa que eu conheço para designar isto), que mistura num programa a Maria João Pires, se for preciso, com tudo o que é mais indigno, para descer o digno e levantar o indigno. Isto é um programa chamado "Made In Portugal". Aquele homem é um subserviente por tostões. Isto chama-se prostituição, para não dizer outra coisa. Essa gente esforça-se para que o público não leia. Depois, há outra coisa, o cinema, que é controlado pelos Estados Unidos e os filmes espanhóis, franceses e italianos não entram em Portugal.

Digo isto, mas gosto de televisão, gosto dos telejornais, gosto de certos programas. O que não percebo é como é que ninguém vê isto, sob o lado pejorativo que é castrar um povo todo.

A. O. — Os novos canais de televisão não melhoraram nada o panorama televisivo português?

J.C.P. — Eu pensava que iam melhorar e até apoiei a criação de um dos canais privados, mas hoje não vejo grande diferença. A RTP tem sempre um problema: é do Estado e não pode fazer as coisas com desvergonha, mas, por causa dos índices de audiência, já começa a querer copiar a outra. Portanto, se os outros descem de qualidade, ela também desce.

O que é pior, é um tipo que diz "isto não se publica", como antigamente, ou um tipo que diz "isto publica-se assim"? Eu acho que esta censura é pior do que a outra.

A. O. — Qual é a sua opinião sobre a Expo, acha que vai ser positiva para Portugal?

J.C.P. — Sou partidário da Expo. Estivemos meio século orgulhosamente

sós. Vinham cartas para Lisboa que tinham no endereço Espanha; nem o nome de Portugal se sabia no estrangeiro, porque estávamos aqui fechados.

Até agora, a palavra cultura tem muita força na Expo. Eu estou muito otimista. Neste momento, sou europeu, enquanto não meterem, na Europa, a Turquia, que é um país muçulmano, daqueles que cortam bra-

ços por qualquer coisa e agora até já saem com braços postiços, é uma verdadeira anedota. É um dos países acanalhados, mas fingindo que é ocidental. Ainda no ano passado, tinha 1400 presos políticos. É esta Turquia que os Estados Unidos querem integrar na Europa, porque é um agente deles no Médio Oriente. Detesto o Corão, o que não quer dizer, por outro lado, que eu

goste do Estado de Israel.

A. O. — Qual é a sua opinião sobre a vinda a Portugal do ex-PIDE Rosa Casaco e da entrevista que ele concedeu ao "Expresso"?

J.C.P. — A vinda dele a Portugal não é pior do que outros que vieram à televisão. Houve um tipo que agora saiu num livro chamado "A Bem da Nação". Este livro constitui um chorrilho de lugares comuns. É evidente que eu achava que o Casaco devia ser preso, mas, apesar de tudo, o homem até me fez um jeito, confessou umas coisas: primeiro que matou, segundo que, se pudesse, voltava outra vez para a PIDE.

Com o livro fiquei indignado. Nós estamos a pagar todos os dias a esse PIDE reformado da função pública. Este indivíduo foi à televisão. É este jogo simpático que me espanta.

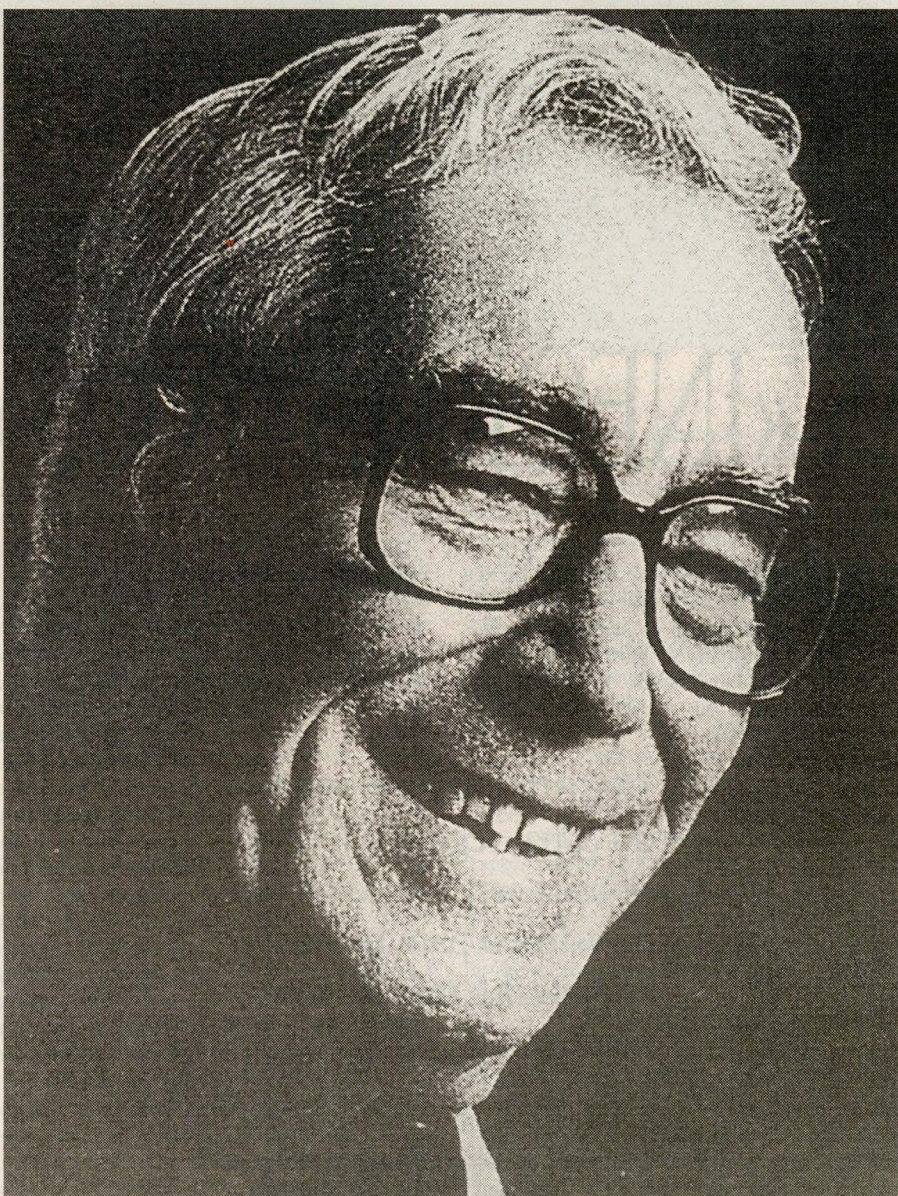
A. O. — Porque é que Portugal ainda não ganhou um prémio Nobel da literatura?

J.C.P. — Penso que Portugal ainda não ganhou o prémio porque quem ia ganhar era o António Tabuchi, de quem sou grande amigo. Escreveu um romance espectacular sobre Lisboa, o "Requiem". O Tabuchi é um escritor que admiro muito. Já houve anedotas melhores com o prémio Nobel como, por exemplo, entregá-lo ao Churchill, que não tem nada a ver com literatura.

O Tabuchi é italiano, professor universitário em Florença, mas, como escreveu muito sobre Portugal, e bem, a resposta é boa.

A. O. — Porque é que os escritores mais falados em Portugal para o Nobel são o Lobo Antunes e o José Saramago? Será por terem mais amigos na comunicação social, como às vezes se diz?

J.C.P. — Eles já estão há dois anos na lista do Nobel. Essa lista é feita de muitas maneiras e eu não estou a dizer que ela seja desonesta. O Saramago, este ano, estava muito bem posicionado. Os jornais alemães chegaram a dar a notícia. A escolha do Nobel é muito complicada, eu não sei como é aquilo. Depois, há o problema dos países escandinavos. Eu estou traduzido na Suécia apenas com um livro e é muito importante estar com todos. Aquilo é um mistério, mas claro que a questão do Tabuchi é uma brincadeira.



➤ ESCRITORES hoje são menos interventivos

A. O.

➤ JOSÉ BORGES